

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

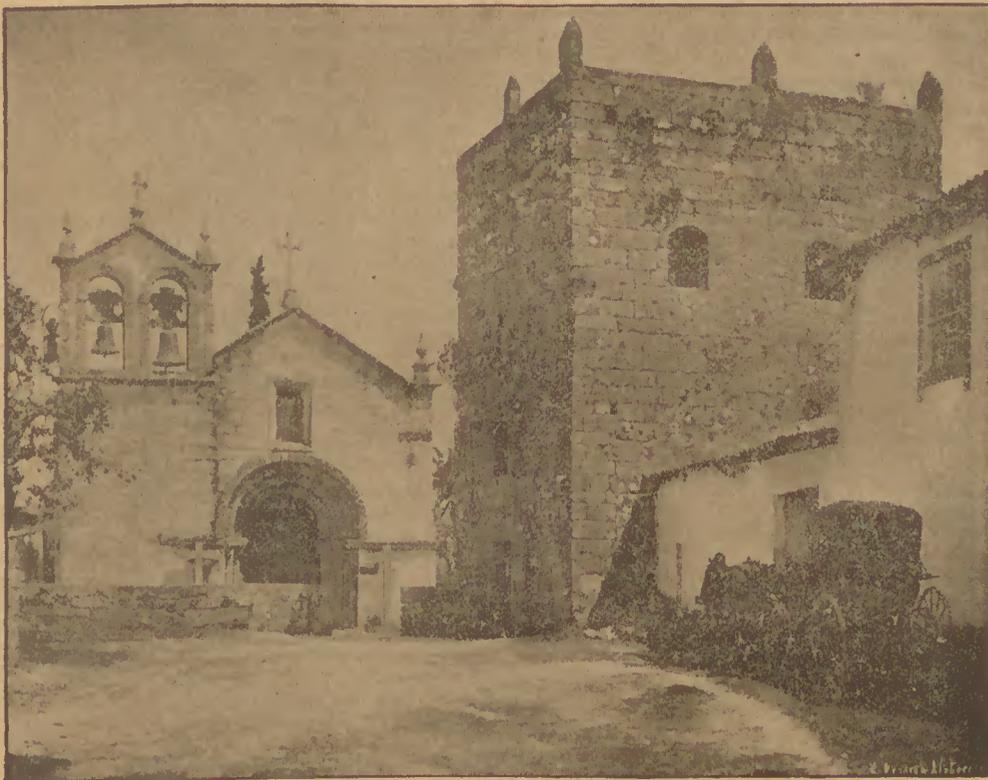
## PASSEANDO E ANALYSANDO

Habitados a uma vida ingenua e simples aonde se não discute arte nem industria, iam sendo cada vez mais dormente quando, de subito, fomos accordados para em humildes linhas

tre d'obras toma, para dispor o plano e alçado de una casa?

¡¡Tantas figuras, uma saleta, um ou dous quartos, uma cosinha, uma escada, e interiormente uma latrina!!

Isto porque o dono lh'o indicou, porque lhe



descover-mos um passiosinho pela arte do nosso Barcellos. Realmente arte, industria e hygiene são desconhecidas no nosso meio. Desculpem-nos os artistas e industriaes alguma accusação que lhe façamos, porém sem o minimo intento de offensas geraes ou pessoas.

Um pequeno passeio analytic por ali é sufficiente para nos pôr a par de muitos desastres. Ora vejamos.

¿Quaes são as bases que o architecto ou mes-

disse que queria una casa com taes ou quaes disposições, que esta casa era para arrendar, que devia accomodar una familia de tantas pessoas—e render uns tantos mil reis annuaes.

Ora isto é um contrasenso.

O proprietario é que deve consultar o architecto sobre a disposição que pode dar á casa e este deve ter conhecimento não só de rabiscar duas parallelas, mas tambem de conhecer um bocadinho de physica, no que diz respeito a

## A LAGRIMA

ventilação e luz, e outro bocadinho de chimica, no que diz respeito á capacidade necessaria a um aposento, para que o individuo possa estar 8 ou 10 horas em um compartimento sem que se rarefique o oxigenio indispensavel á nossa respiração, e o logar mais ventilado, exterior, para latrinas, para que os vapores sulphydricos, azotados, e empregnados d'outros gazes infectos se não introduzam no interior das habitações.

Entremos em uma casa qualquer e analysemos:

Luz, pouca;  
Aposentos, pequenos;  
Ventilação, nenhuma ou insignificante;  
Emanações, muitas e putridas.

Querem mais alguma cousa para que a saúde esteja de continuo alterada? e, quando o não seja, pelo menos viciada? que produz a cada momento incommodos de apparencia passageira e que certamente mais tarde ou mais cedo são funestos? e de quem é a culpa?

Da ignorancia dos proprietarios e dos mestres d'obras.

A capacidade de habitação, ventilação e ausencia completa de vapores infectos, são tres assumptos que devem ser cuidados esrupulosamente.

Agora vejamos a arte e industria do edificio.  
Cunhaes largos em casas baixas;  
Baixos em altos;  
Falta de nivel e prumo;  
Pouco esrupulo symetrico;

Desconhecimento total do que seja restauração, falta de respeito e veneração d'arte e estylo; e bem assim, no caracter d'edificação.

Iremos discutindo methodicamente estes assumptos tão importantes, em que o nosso homem laborioso possa aproveitar alguma cousa, deixando por um instante, o caracter humorstico habitual da «Lagrima».

Não precisamos grande trabalho para encontrarmos casas construidas em que a fachada principal está *encavilhada* em completo desarranjo. (Chamamos *caixilho* ao que por ali chamam por *ironia* cornija, cunhaes e sóco).

O sóco d'um edificio deve estar em harmonia com o corpo a que elle dá principio.

Não se pode dar uma altura arbitraria, como vulgarmente se faz, a esta, figura, porque tem de obedecer a um todo de quem não pode deixar de ser um submultiplo: os cunhaes assim como a cornija estão sujeitos á mesma regra.

Os apilarados das portas e janellas estão egualmente subordinados á medição das mesmas.

Podemos citar d'estas *figuras* que, tendo 3

metros d'altura, teem apilarados de 18 a 20 centimetros de largo, quando nunca poderiam ter menos de 22.

As cornijas, seja qual fôr seu embellesamento moldural, estão egualmente sujeitas não só na sua largura total com referencia á altura do corpo que corôam, como tambem a uma recta obliqua de inclinação determinada, traçada no côrte, que faz desempenar os vertices dos angulos que se formam no conjunto das mais ou menos molduras com que se querem confeccionar, para se obter um relevo gracioso.

Quando um cumhal é encimado por capitel de alguma das cinco ordens d'architectura, a base, cornija e sóco devem ser invariavelmente as suas correspondentes.

Não se pode em um edificio grande ou pequeno, de caracter de *chalet*, construir janella ou portadas circulares, nem tão pouco em casa de configuração vulgar fazer janellas que tenham caracter gothico.

Os mestres pedreiros quo temos, se tivessem um pouco de bom gosto, deviam dispor de tempo para analysar a analogia de medidas e bom gosto de construção no templo do Senhor da Cruz, interior e exteriormente, no da Ordem Terceira, no da Misericordia, na casa da familia Mattos ao largo do Bemfeito, na do sr. José Lopes d'Albuquerque, e em muitos mais que poderíamos citar.

Para outro numero seguiremos com o trabalho de carpinteria.

EXCENTRICO.

### A EGREJA DE MANHENTE

A nossa photogravura de hoje reproduz a antiquissima egreja parochial de Manhente, freguezia que encontramos a uma hora de caminho de Barcellos, e que está situada n'um local aprazivel, com vistas dilatadissimas, em que o verde dos pinheiros se alastra extensivamente deixando em destaque o verde claro dos campos onde se erguem as vinhas de forcado, de folhas esbicadas, n'uma feitiosidade caprichosamente bella, salientando-se, sobretudo, as casas, brancas como neve, e o crystal nitido das aguas do Cavado, a cuja margem direita ella se senta.

Junto á egreja, secular, ergue-se a cadeia do extincto couto.

Barcellos despojava-se para Manhente por occasião dos seus *Passos*, que se realisam no quarto domingo de quaresma.

Depois de tu, leitor, teres visto desfilar, com gravidade austera, a precissão quaresmal, em que a cara dos anjos se abranqueia com os polvilhos, e a das pallidas e doentias se ruborisa com o vermelhão, vergando seus corpos franzinos e delicados para o chão, sob o peso do oiro que foi pe-

dido para ellas pela madrinha, pelo tio, pelos paes, aos seus visinhos e até aos de longe; depois de ouvido o sermão em que o pulmão falla alto e quando coce da procição, guardado por cabos de policia, com armas variegadas ao hombro, der ingresso no templo em lucto,—proximo, n'um des-campadosito, pipas de vinho esperam-te ao lado de taboleiros de doce.

Bebes do melhor que um guarda-fiscal, *perito*, te indica, obsequiosamente, ao ouvido.

Se conheces o reitor, o padre Agostinho de Mattos, violoncellista distincto, e que tem um coração com a *bondade de cem frades* de Areias de Villar, d'onde é natural, então visital-o e terás occasião de apreciar uma pinga deliciosa, que te offerece com um sorriso benedictino.

Em Barcellos diz-se que o Rozendo é o homem mais valente do concelho.

Até aqui punha-se em circulação para expressar o *zenith* de qualquer pequeno ou grande nada—a palavra raio:

Rapariga bonita como um raio; homem feio como um raio; burro forte como um raio; aquelle individuo tem um raio d'um genio...

Comparações proprias, algumas, para a gente mandar os comparadôres ao raio que os parta...

Pois se o raio sai assim á luz da publicidade, como pau para toda a colher, o Rozendo pode-se trazer, á mesma, quasi pelo mesmo motivo:

Forte como o Rozendo; pezado como o Rozendo; deselegante como o Rozendo; politico como o Rozendo.

O forte do Rozendo é ser valente. Deram-lhe em tempos um tiro. O progresso tem d'estas ironias para a forja bruta. Que já é dos tempos biblicos os Golias morrer nas mãos dos Davids...

Ha tambem um Rozendo (mano)—não se admirem d'esta maneira de conhecer humanos, ha tambem Dumas (filho), e, demais, é sabido que até o nome de uma teria de especialistas no fabrico de qualquer doce é bastante para o commercio se aproveitar d'elle. Nesta villa faz-se biscouto de Vallongo e o mais curioso é que no Porto se faz a nossa tradicional laranja para se vender em Barcellos... Continuando. O Rozendo (mano) é tambem valente, dá-lhe a isso direito a valentia do irmão, embora lhe *carimbassem* o corpo com algumas facadas. Como demos a entender um valente morre quasi sempre nas mãos d'um fraco. Na ultima quinta-feira defendia elle em conversa *ambistada* uma acção em relação com seu irmão—eria do mesmo ventre... Azedou-se como *vinagre*, e, d'ahi, arinou questão do dia-bo, feia.

Veio a administração em peso, veio em peso a politica, mas para inglez ver vimol-o entrar na cadeia, para sair d'ahi a pouco.

O largo José Novaes fez-nos lembrar, n'essa occasião, uma praça de touros. Havia cada péga

que dava vontade ao publico de pegar na auctoridade, politica e Rozendos, *mano e irmão*, e mettel-os no xelindró...

O popular Rozendo, o que dá fóros de força ao Rozendo (mano), botou as unhas de tenaz ás grades de ferro da cadeia e quiz arrancar-as.

Já em epoca, não mui distante, um fidalgo de Barcellos quiz arrancar por meio da força de algumas juntas de bois as grades de ferro da janella da enxovia; ajuda hoje se descobrem vestigios indicadores.

Moralidade:

Porque o Rozendo (mano) foi para a cadeia, sabe-mol-o; porque elle sahiu d'ella, ignoramol-o.

Tem se dito e affiançado que o vinho d'esta colheita é d'uma cana só. Bom, saboroso, excellente, enfim é vinho novo, que a nosso ver é como as raparigas novas, que são todas boas, pelo menos tem o cunho da novidade. Contudo ha pessoas ferrenhas sectarias da doutrina de S. Thomé e sem ver não creem. O José Contenças é uma d'essas pessoas. Quiz ver quanto era preciso de vinho novo para toldar a cabeça de qualquer parecido, e cada copo cada risco, mas a certa altura deixou de riscar para começar a *riscar*, servindo-nos do termo dos fatistas, e a *riscar* ss e rr enfiou pelo jardim. A patifa da Lua espreita-o pelos pincares das arvores, e em vez de se retirar para ninguem o ver na escuridão, veio namoral-o mostrando-se em toda a sua nudez. Que bella ella estava! O Contenças que não estava para lhe fazer versos deixou pender a cabeça e adormeceu. Uns pandegos que passavam pelo jardim amarraram-o com um barbante ao banco, e ataram-lhe segundo a um braço, e da estrada puchavam o barbante. O Contenças acordava com as puchadellas, mas como não podia levantar-se por estar preso, tornava a adormecer, e assim estiveram até que já não podendo rir mais o acordaram e levaram a casa.

E lá se foi o calculo que elle queria fazer!

Não é de hoje, nem de hontem, mas sim de ha muito tempo, o dizer-se que somos espelhos uns dos outros. Até'gora em Barcellos era motivo para farta gargalhada saber-se que em Ponte do Lima se cantou uma Semana Santa em agosto para ali festejarem a passagem de graúdo trunfo, e que em Espozende, por causa idêntica, se fez uma «marche aux flambeaux» ao meio dia d'um bello dia de verão. Agora, patricios e amigos, se alguma vez em vossa presença contarem façanha equivalente, em vez de abriredes as fauces escancaradamente soltando os alegres estrepitos da gargalhada, calai-vos muito caladinhos porque... Ora ouçam.

O bom do padre Zé Villas e o gastronomo Bernardino do Zilio tiveram grandes palestras e demoradas conferencias sobre o mimo que deviam

offerecer ao sr. Joaquim Leite, que estava a uso de banhos em Lijó. Era forçoso retribuir com galhardia a boa hospitalidade de s.ex.<sup>a</sup> na sua casa de Freitas e porisso a visita feita como qualquer simples mortal não tinha valor, queria-se mais alguma cousa. Apesar de se dizer «duro com duro com duro faz bom muro», o que é certo é que d'aquellas duas durezas saiu alguma cousa, não diremos agradável, mas quichotesca. Estudado o projecto foram confial-o a alguém, que vendo a enormidade do disparate, os aconselhou a que fossem sós, porque, como era seu desejo, iam causar embaraços ao sr. Leite visto não ter ali commodidades algumas para os receber condignamente como é seu costume. Pois este conselho, que elles proprios pediram, foi o mesmo que dizer-lhe—vão quanto mais depressa melhor.

N'uma das tardes immediatas o estralejar de foguetes tirou os habitantes do Eirogo da normalidade dos seus habitos, perguntando entre si—que é aquilo? e uns canticos religiosos começavam a chegar a seus ouvidos. D'ahi a pouco o padre Zé, Bernardino e a capella cantante do Cá Gaio entoavam, n'aquella desafinação que todos lhes conhecemos, esganicadamente uma Novena que os meninos Martins quasi todas as tardes na igreja dos Terceiros e na Collegiada se fazem ouvir sob a direcção Zilial. Triunphantemente, muito satisfeitos das suas pessoas param em frente dos aposentos do sr. Leite e ahi redobra a vozzeria e desafinação.

E' este o *porque* interrompido pelas reticencias. Compreendem sim?

Era d'uma vez um homem, que se chamava Souza, e que levava ás costas aquella couza... a que se chama um canudo de folha.

A certa altura, perdeu o canudo, e lá ficou o Souza sem a cousa.

Mas o canudo levava papeis de importancia, porque o Souza é guarda fiscal, o ia em serviço ás Necessidades.

Remedio?

Podir ao parochio de Barqueiros que annunciasse a cousa á missa do dia.

Conhecem o padre? Conhecem, é o padre Julio, que esteve em S. Bento, que tem um bonito nariz cheio de rapê, e um bem bonito *campo*... Adiante.

Pois o padre disse assim: «Quem encontrasse o canudo do guarda-fiscal Souza pode entregal-o na venda de tal...»

Padre fino e guarda-fiscal feliz.

Porque é do Evangelho: *parvorum est regnum caelorum*.

Dialogo de tasco.

Foi á Bagoeira um homem a cavallo n'um burro. Salta abaixo, prende o animal e subiu a comer. No fim:

—Quanto devo?

Mas a tasqueira, que ouviu mal:

—O que teve?

O homem desee, desprende o burro, e diz-lhe muito naturalmente:

—Eu tive um molho de palha, um quartilho de vinho, dez reis de arroz.

O molho de palha tinha sido para o burro;mas antes ello a comesse, e desse o arroz ao burro.

Conta a «Folha da Manhã», assim um pouco inchada, que teve a visita de uns excursionistas pedestres. Diz assim:

*« Vieram visitar-nos a esta redacção os srs. Manoel Augusto do Nascimento e Miguel e João de Sá Sotto-Maior Pizarro, de Braga, que emprehenderam a viagem a pé d'aquella cidade aos Arcos de Val-de-Vez, a Ponte do Lima, a Vianna do Castello, e finalmente a Barcellos.»*

Sim senhor. Agradeça a visita, que nós ficamos a parafusar o que ó que terão na mioleira os Pizarros e o Nascimento.

Para ir de Braga aos Arcos e a Vianna e a Ponte, a pé, (sem ser a pontapé) não é preciso andar pelos jornaes a fazer reclamo de suas pessoas.

Qualquer sardineiro, qualquer almocreve anda muito mais. Vão da Povoá a Villa Verde e a Villa Real e a Chaves, debaixo d'um sol ardente, ou no tempo das fortes geadas, e não pedem noticias nas gazetas.

Elle sempre ha cada maluquinho...

Consta-nos que appareceu, proximo a Fão, o loiro chinó do mestre C'requinha.

Anda com sorte o sujeito,  
E' ser muito afortunado.  
Depois de c'reca, o C'requinha,  
Torna a ser encabellado.

—«Tem casca, clara, e gemma,  
Foi posto pela gallinha.  
Decifrarás Miguel Lemos  
Esta minha charadinha?»

—«Decifro sim, ora essa,  
Não me custa isso nada.  
Tem casca, clara, e gemma?  
Melancia apimentada.»

A Camara contribuiu  
As uvinhas do Senhor,  
Mas pouco ou nada arranjou  
Com o bicho lavrador.

Os zeladores, tem mostrado.  
Com as suas preleções,  
Que gastaram moias sólas,  
Sem arranjar para facções...

E por isso requereram  
Ao bondoso S. Martinho,  
Que em breve convertesse,  
Todas as uvas em vinho.